



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

A produção literária de José Eduardo Agualusa para infância no mercado editorial brasileiro

Gabriela Calônico de Oliveira
Professora da Rede Municipal de Florianópolis
gabriela.calonico@hotmail.com

Eliane Debus
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação
e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina
elianedebus@hotmail.com

RESUMO

O artigo tem como objetivo publicizar uma pesquisa que analisou a produção literária para infância de José Eduardo Agualusa publicada no Brasil, em particular os títulos *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016), a partir dos aspectos textuais, sobretudo da lenda e das narrativas curtas contemporâneas. Partindo do pressuposto de que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começam a ser publicadas pelo mercado editorial brasileiro a partir da Lei nº 10.639, de 2003, acredita-se que a inserção dessas narrativas possibilita uma educação antirracista e isso só foi possível pela demanda da Lei. Dessa maneira, narrativas como as analisadas nesta pesquisa viabilizam o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

Palavras-chave: Literaturas Africanas, Língua Portuguesa, José Eduardo Agualusa

The literary production of José Eduardo Agualusa for children in the brazilian editorial market

ABSTRACT

The article aims to publicize a research that analyzed the literary production for childhood of José Eduardo Agualusa published in Brazil, in particular the titles *The son of the wind* (2006), *Newti and the sea* (2012) and *The queen of the estapafúrdios* (2016), starting from the textual aspects, especially of the legend and of the short narratives contemporary. Starting from the assumption that the African Literature of Portuguese Language begins to be published by the Brazilian publishing market from Law 10.639, of 2003, it is believed that the insertion of these narratives enables an antiracist education and this was only possible by the demand of the Law. So narratives such as those analyzed in this research make the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture possible.

Keywords: African Literatures, Portuguese Language, José Eduardo Agualusa



Este artigo objetiva analisar a produção literária para infância de José Eduardo Agualusa publicada no Brasil, em particular os títulos *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016), partindo do pressuposto de que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa para infância começam a ser publicadas pelo mercado editorial brasileiro a partir da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003). A escolha da produção literária desse escritor, em particular nos livros para infância, deve-se, além da qualidade estética, ao seu importante papel na divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no mercado editorial brasileiro ao se associar a Editora Língua Geral (RJ) e realizar a coordenação geral do selo Mama África.

Apoiamo-nos para análise dos livros no referencial teórico da teoria literária, a partir dos estudos de Antonio Candido (1995), Umberto Eco (2003); na Literatura infantil e Juvenil, nos estudos de Lajolo e Zilberman (1987) e Coelho (2000), em diálogo com a educação, tomando os estudos de Debus (2012), Araújo (2010, 2015) e Silva (2011).

Cremos que a Lei nº 10.639, datada de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas de Educação Básica do Brasil (BRASIL, 2003), e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004), datada de julho de 2004, mobilizaram o mercado editorial para a publicação de livros de literatura que levassem em conta essa temática e, de certo modo, tem contribuído para uma educação antirracista.

A Lei nº 10.639/2003, a literatura e seus (des)propósitos

Estamos inseridos numa sociedade onde o racismo é de fato naturalizado e a predominância da cultura europeia se propaga nos ensinamentos de História e outras disciplinas da Educação Básica. Desse modo, quando uma Lei como essa (10.639/2003) entra em vigor, possibilita que seja ensinado e desenvolvido em sala de aula conteúdos, considerados até então irrelevantes na formação das crianças e jovens, e que contribuam para a percepção de que vivemos em um país pluriétnico. Celso Cisto Silva (2011, p. 14) aponta que “A cultura africana é tão importante para o Brasil quanto à cultura europeia, muitas vezes encarada como o pilar mais sólido da nossa formação estética”. Isto é, a história do Brasil não se detém apenas de colonização Europeia, a cultura africana e afro-brasileira faz parte da história da formação brasileira e deve ser lembrada e estudada.

Embora a Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003) exista, e muitas discussões ocorram a respeito da mesma, ela ainda não é efetivada como deveria ser, assim como o racismo ainda é presente na nossa sociedade. De acordo com Nilma Lino Gomes (2005, p. 46):

Lamentavelmente, o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta, muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto, as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.



A autora aponta para uma realidade presente na nossa sociedade, que se perpetua, e quando questionamos a respeito do racismo, somos apresentados, por vezes, a uma série de argumentos que determinam ser algo inexistente, extinto socialmente: “O abismo racial entre negros e brancos no Brasil existe de fato” (GOMES, 2005, p. 47). Ao nos depararmos com o número de negros nas universidades, nas escolas, no mercado de trabalho, passamos a compreender o tal abismo, e o discurso da “extinção do racismo” morre quando nos damos conta da perspectiva de vida d Nessa contradição, o racismo se firma e se torna presente, mesmo com tentativas de ocultá-lo.

Os negros são vistos como inferiores, incapazes, discurso forjado por uma concepção criada social e culturalmente completamente racista, estigmatizando e estereotipando, usando sua estrutura biológica para fundamentar sua concepção social.

Como colocamos anteriormente, o racismo é negado, munido de um discurso a respeito da “democracia racial” no Brasil, que se de fato existisse nossa realidade social seria muito diferente. Nesse sentido, Gomes (2005, p. 57) argumenta que tal conceito não passa de um mito, “uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento”.

As palavras da autora nos levam a crer que o mito serve de argumento para a negação da desigualdade, o que nos faz acreditar que todos possuem as mesmas oportunidades. Nessa perspectiva, se o racismo não existe e a democracia racial é algo real, a desigualdade social entre negros e brancos se dá por qual motivo? Comungamos com Gomes quando afirma que “O mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais” (GOMES, 2005, p. 57).

Com a instituição da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), deparamo-nos com um problema que vem da parte dos professores, segundo Renata Beatriz Brandespin Rolon (2011, p. 131):

Após a obrigatoriedade da lei, o quadro que se coloca é o de resistência por parte dos professores em trabalhar tais conteúdos. Muitos profissionais sentem dificuldade em abordar os temas relacionados à história e à literatura africana, alegam a falta de uma formação adequada a respeito de como introduzir esses conteúdos e apontam também a falta de capacitação e material didático específico.

Não se tem a intenção de culpabilizar a/o professora/o, mas pensar que a dificuldade em abordar o tema se deve, muitas vezes, a própria formação e a não valorização dos conteúdos referentes ao tema.

Nas Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) são dedicadas 35 páginas para apresentar orientações de como devem ser planejados os currículos, onde mais de uma vez é argumentado sobre a importância da educação para as relações étnico-raciais, contribuindo para uma sociedade antirracista:

Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe



a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (BRASIL, 2004, p. 10)

Uma nação democrática, que conviva com suas diferenças e sem discriminação, é algo importante e deve, sim, ser pleiteada, contudo, pensar que estamos caminhando e próximos a isso é um tanto utópico. Compreendemos que Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) é um passo para tal caminhada, um passo marcante e de luta, porém precisamos ainda de muitas passadas para chegar ao objetivo de construir uma sociedade sem racismo e preconceitos. Acreditamos, assim, que uma das possibilidades para se aproximar dessa meta seja por meio dos artefatos estéticos, em particular o literário.

A literatura é algo fundamental para a humanidade. Antonio Candido (1995) coloca a literatura como um direito humano, necessária para a sobrevivência, assim como o próprio alimento, argumentando de que ninguém poderia viver sem ficção. Por sua vez, Umberto Eco (2003, p. 11) observa que “A literatura, contribuindo para formar a língua, cria identidade e comunidade”. Desse modo, compreendemos que a literatura é de extrema importância para o desenvolvimento humano.

Segundo Candido (1995, p. 180), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Ou seja, a literatura não contribui apenas para o desenvolvimento pessoal e individual do ser humano, contribui também para o desenvolvimento da sociedade em que se está inserido e, por consequência, com as relações interpessoais. Ela está presente desde muito cedo na vida humana, quando pensamos nas crianças que têm acesso aos livros e se apropriam de suas leituras e interpretações, em especial pela leitura de livros de qualidade estética.

O autor revela que “A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura” (CANDIDO, 1995, p. 191). Ainda ressalta que “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Então, a literatura é colocada aqui como um direito humano, mas que seja livre de preconceitos e abranja diversas culturas com respeito.

Produto cultural de fundamental importância para a inserção da criança na cultura escrita e potencializadora da manutenção do gosto pela leitura, a literatura é uma das principais ferramentas para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, como é possível constatar nos documentos de referência: Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

Desse modo, a palavra literária auspícia ao leitor a construção de um repertório plural, em que os leitores se vejam e vejam os outros, por meio da representação de personagens de diversas etnias e vivências culturais.



A literatura e seus destinos: a infância como chegada

Nelly Novaes Coelho (2000), ao estudar a literatura em sua gênese e a literatura contemporânea, ressalta a distinção de uma literatura infantil tradicional e uma literatura infantil atual, e isso se dá devido aos contextos sociais. De acordo com a autora, tudo que se refere ao tradicional parte do *indivíduo*, exaltando, assim, o espírito individualista. Para ela, este é o primeiro de uma lista de 10 itens que compõem os tais valores tradicionais, seguido pela *obediência absoluta* aos valores para que possa exercer sua função na sociedade corretamente, mesmo na infância: “Tal dogmatismo, que transformou a ‘autoridade’ em ‘autoritarismo’, derivou da crença de que o sistema elaborado era perfeito” (COELHO, 2000, p.20). Passa-se, então, a ideia de que *o ter e parecer se sobrepõe ao ser*, terceiro item da lista, tanto em relação às classes quanto ao trabalho existe uma valorização as minorias privilegiadas pelo dinheiro, e também na família, assim como colocam a divisão de papéis entre o homem e a mulher (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987). Coelho (2000, p. 21) enfatiza, ainda, que “A autoridade suprema e decisória é exercida pelo homem, enquanto a responsabilidade pelo comportamento dos filhos ou pelo funcionamento ideal da família e do lar é atribuída à mulher”, e na literatura para as crianças essas características aparecem em evidência, colocando e estereotipando o que é próprio da mulher e o que é próprio do homem.

Existe também uma *moral dogmática*, quarto item, com caráter religioso, voltada para o que é certo e errado e para castigos após a vida, devido à conduta errônea, que acaba por aparecer nas morais das histórias infantis. O quinto seria a *sociedade sexófoba*, onde, mais uma vez, temos a predominância religiosa que estigmatiza o sexo como pecado, passando a ideia de que as meninas possuem como virtude sua castidade. *Reverência pelo passado* com cultos aos grandes mestres literários são apontados por Coelho (2000), seguidos pela *concepção da vida*, reforçando a religiosidade e a ideia de céu e inferno, esse apreço pela religiosidade é reforçado na literatura infantil tradicional. Estamos no sétimo item da lista de da autora e o que mais aparece é justamente a ideia de que para ter uma sociedade correta é necessário seguir as normas da igreja.

Os três últimos itens elencados pela pesquisadora são muito interessantes para a temática deste trabalho: *o racionalismo*, como a base do sistema tradicional, bastante contraditório, onde tudo se explica pela razão, porém apoiado pela fé, formando, assim, um dualismo, que em certos momentos se busca respostas na ciência e em outros na religião. *O racismo* aparece como marca da sociedade tradicional, numa luta de poder onde a “raça branca” foi tomada como vencedora, como aponta a autora, “Na Literatura Infantil, a separação entre brancos e negros é notória: reflete uma situação social concreta” (COELHO, 2000, p. 23). O último item, que já foi aqui comentado, é o fato de a criança ser vista como um “adulto em miniatura”, com uma educação rigidamente disciplinadora, por mais que o termo “infância” e a preocupação com ela seja notória, a criança ainda possui como literatura infantil textos com valores adultos.

Em contraponto, Coelho (2000) também lista os valores novos, que já estão presentes no mundo contemporâneo, destacando o *espírito solidário*, existindo a consciência de que o indivíduo faz parte de um coletivo, o *questionamento da autoridade* como poder absoluto, repudiando o



autoritarismo, o *sistema social em transformação*, onde o fazer é mais importante do que ter, principalmente nas questões familiares, e na literatura infantil já aparece questões relevantes: “através da perspectiva dos filhos que perderam o ‘porto seguro’, representado pela mãe dona de casa; ora através da igualdade entre meninos e meninas, não mais estigmatizados pelo que é certo e errado para o homem e mulher” (COELHO, 2000, p. 25).

A *moral da responsabilidade*, em que se passa a procurar agir com consciência a respeito do outro, a *sociedade sexófila* também é revelada, assumindo, então, o sexo como algo natural. Dessa maneira, a *redescoberta do passado* é o sexto item, levando em consideração as relações do ser humano consigo mesmo, com o mundo e com outros seres humanos. Surge também a partir dessa redescoberta outras formas de explicar o passado, com o folclore da literatura. Coelho (2000, p. 26) ainda atenta para a tendência de aparecer na literatura infantil a “revalorização do indígena e do negro como raízes do povo brasileiro”.

A *concepção da vida* como algo mutável, ou seja, “O fim da perfeição almejado pelo pensamento tradicional tende a ser substituído pelo ideal de aperfeiçoamento interior profundo, que ultrapassa os limites da vida” (COELHO, 2000, p. 26). Há a *valorização da intuição*, onde na literatura infantil o mágico e absurdo se tornam presentes em atividades cotidianas, acabando como limites entre o real e imaginário. O *antirracismo* e a valorização de diferentes culturas, em que o racismo passa a ser considerado como uma grande injustiça humana e social. Por último, a *criança vista como um ser em formação*, permitindo que ela se desenvolva em liberdade, alcançando seu potencial.

A literatura infantil contemporânea, segundo Coelho (2000), é essencial e deve ser mais do que mero entretenimento, mas, sim, uma experiência rica em vida, inteligência e emoções. Articulando os argumentos dos estudiosos, constata-se que a literatura é essencial para o desenvolvimento humano e até mesmo social, já a literatura infantil demorou em ser pensada e a concepção de infância e preocupação com a mesma é algo ainda recente. Assim, a literatura infantil é um marco quando se pensa nos produtos culturais para a infância, pois é um dos primeiros materiais a ser pensado exclusivamente para as crianças.

Atualmente temos diversos títulos de literatura infantil que circulam no mercado editorial brasileiro e chegam até as crianças leitoras. Ricardo Azevedo (1999) destaca que a ampla variedade de títulos disponibilizados pela indústria editorial acaba por provocar uma confusão a respeito do que seria a literatura infantil de fato. Ele afirma que livros para as crianças e literatura infantil são assuntos que podem não ter nada em comum. Os livros de literatura infantil, para o autor, são aqueles que utilizam sempre o recurso da ficção, uma arte feita em palavras, com motivação estética, não precisando, necessariamente, ensinar algo, possui uma vinculação com a voz pessoal e com a subjetividade, podendo ser ambígua e até mesmo brincar e inventar palavras:

Azevedo (1999) apresenta, então, a ideia de que a literatura infantil também auxilia no processo de compreender questões humanas, sentimentos, sensações e situações que são complicadas de serem desenvolvidas em sala de aula. José Nicolau Gregorin Filho (2012, p. 155) concorda com o autor, no sentido de que a literatura “pode oferecer importantes alternativas de superação e resolução de conflitos, fazendo-o por meio da ficção e com diferentes representações estéticas”.



Literatura para a infância e a temática étnico-racial

Como o mercado editorial tem trazido à cena a tematização da cultura africana e afro-brasileira nos livros para infância? Podemos afirmar que as demandas da Lei nº 10.639/2003 mobilizaram o mercado editorial para esse tema? Eliane Santana Dias Debus (2012, p. 143) aponta que:

No que diz respeito à presença de personagens negras ou de elementos da cultura africana e afro-brasileira em narrativas de recepção infantil e juvenil, produzidas no Brasil, quase que inexistente anteriormente à década de 1970, e, quando isso ocorre, o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia Nastácia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca o apiedamento (menino André, d'A Lenda do Menino do Pastoreio) ou, ainda, aquele que não é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, de Joaquim, Zuluquim, Zulu - 1983), repercutindo ideias vinculadas, seja pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos, seja pela política de branqueamento.

Justamente na década de 1970 essa ideia do branqueamento se torna bastante forte, e na literatura infantil é nesse período que assuntos polêmicos que não eram abordados até então ganham certo destaque, mas ainda com um forte estereótipo em relação aos negros. De acordo com Ângela Sousa e Patrícia Sodré (2011, p. 12-13),   na década de 1980 que discussões a respeito de uma nova ressignificação do negro passam a ser pensadas:

Na década de 80 inicia-se uma linha de rompimento com a imagem estereotipada e de ressignificação.   possível encontrar obras mostrando personagens negros na sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade racial, desempenhando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias e as religiões de matriz africana, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação presente nas narrativas dos períodos anteriores. (SOUSA; SODRÉ, 2011, p. 12-13).

  possível compreender que as discussões com essa temática são recentes, a preocupação em apresentar a história e cultura africana e afro-brasileira, respeitando sua legitimidade sem estigmas e estereótipos, demorou a ser refletida e desenvolvida.

Débora Cristina de Araújo (2015, p. 125) valoriza os avanços no que diz a negra nos livros inf nto-juvenis e na qualidade desses textos, mas faz um alerta para a baixa incidência de representação "quando tomadas proporcionalmente às publicações anuais do mercado editorial brasileiro".

A autora nos chama atenção e indica que existem ainda obras marcadas pelo estereótipo em relação às personagens negras: "Da mesma maneira o olhar crítico e realista lança-se sobre manutenções de estereótipos que insistem em reificar a representação do ser negro a características inferiorizantes" (ARAÚJO, 2015, p. 125). Um problema que deve ser superado, afinal a Lei surgiu para que as literaturas africanas e afro-brasileiras fossem obrigatoriamente introduzidas no ensino regular, mas com fins antirracistas e não ao contrário.



Lenda e narrativas curtas: os gêneros literários em questão

Para que a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ocorra da melhor forma possível é necessário que o mercado editorial brasileiro publique títulos sem distorções históricas e que retratem a cultura africana e afro-brasileira.

Dessa maneira, neste artigo buscamos demarcar os livros infantis de José Eduardo Agualusa, escritor Angolano, que tem uma vasta produção literária e tem quatro títulos publicados no Brasil, destes nos deteremos nos três que são dedicados à infância, a saber: *O filho do vento* (2006), *Newti e o mar* (2012) e a *Rainha dos estapafúrdios* (2016). O primeiro pode ser categorizado como lenda e os outros dois como narrativas curtas.

No que diz respeito à lenda, Vale (2001, p. 44-45) destaca que ela “revela a função mágica das palavras como fundadoras e reveladoras do mundo. Essa modalidade literária pode ser definida, então, como a narrativa que explica o surgimento de algo no universo, ensina e fixa costumes e crenças de determinada região”.

Dessa maneira, as lendas são importantes em nossa trajetória social, desde os primórdios, já que eram por meio dessas narrativas, muitas vezes oralmente, que o homem explicava alguns fatos que não conseguia compreender cientificamente: “Assim, a existência de rios, plantas, animais, sol, estrelas, chuva, dia e noite era esclarecida por relatos” (VALE, 2001, p. 44).

Percebemos, então, que esse gênero literário é bastante antigo e é caracterizado por personagens, por vezes, sobrenaturais, possuindo características do povo ou grupo que as conta, são passadas de geração a geração, e são essenciais para o desenvolvimento da narrativa que explicará os fenômenos por meio do sobrenatural.

O destino, a metamorfose, o crescimento pessoal do personagem também é apresentado nas lendas: “Outro traço característico da lenda é o sentido de fatalidade ou tragicidade que marca a personagem central da história, como mortes, desaparecimentos ou metamorfoses” (VALE, 2001, p. 45). Assim, leva-se a ideia de que existe uma força oculta a qual o homem primitivo não consegue lutar, que as coisas acontecem por uma determinada razão, a qual não temos controle.

Assim como outras narrativas, a lenda possui três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução seria o início, onde conhecemos os personagens, o tempo, e, por vezes, podemos compreender em que região acontece a narrativa. O desenvolvimento, por sua vez, segundo Vale (2001), é onde os personagens apresentam as ações que estabelecem a crença ou o fato explicado pela lenda, é nesse lugar que o sobrenatural aparece como recurso de explicação. Por fim, a conclusão desenrola a narrativa, estabelecendo, assim, a tradição, que mesmo com o passar do tempo, mantém-se, sendo recontada até a atualidade.

Veremos mais adiante que um dos livros Agualusa escreveu, *O filho do vento* (2006), possui essas características marcantes em seu enredo, numa busca de explicações que envolvem a magia e o sobrenatural a respeito de fenômenos naturais.

A narrativa curta possui uma relação entre a escrita e as imagens. Nesse sentido, Vale (2001, p. 48) argumenta que “São indicadas a pré-leitores, e crianças recém-alfabetizadas e àquelas com pouca experiência em leitura”, possuindo um simples enredo, poucos personagens, narração escassa, dando mais ênfase aos diálogos, com temas que circundam o universo infantil. Esse gênero literário possui como tema as brincadeiras, os passeios, encontros com animais e amigos.



É esse tipo narrativa que geralmente se apresenta como literatura infantil, principalmente nos livros indicados para as crianças menores, com muitas imagens, de diversos tamanhos, chamando a atenção com cores e traços, não sendo uma história extensa que possa dificultar a atenção das crianças. As imagens e ilustrações são essenciais, pois “[...] ocupam quase toda a página e auxiliam a criança a identificar, na narrativa, as características externas das personagens ou os espaços onde ocorrem as cenas” (VALE, 2001, p. 48), sendo, assim, imagens que contribuem para a compreensão da história e para a concentração.

A literatura de José Eduardo Agualusa para infância

José Eduardo Agualusa nasceu em 13 de dezembro de 1960, na cidade Huambo, Angola. Sua mãe era brasileira e seu pai português, o que influenciou na criação de suas obras, onde é possível compreender a magnitude de referências culturais diversificadas, que o escritor traz em suas narrativas. Seu nascimento coincide com o início do movimento de descolonização do país e do povo angolano. A história de Angola, como a colonização, movimentos nacionalistas, independência, guerra civil e pós-guerra estão presentes em seus textos, como se esses fatos históricos refletissem nas suas obras por meio da exposição de suas ideias e leituras dos fatos.

O livro *O filho do vento*, de José Eduardo Agualusa, publicado no ano de 2006, tem 16 páginas, com dimensões 20 cm x 25 cm, em brochura, pertence a “Coleção Mama África”, da editora Língua Geral. Em sua capa, o leitor depara-se, de imediato, com uma das ilustrações feitas em tinta guache sobre papel pelo ilustrador António Ole, que é um ilustrador angolano, nascido em 1951, considerado um dos artistas plásticos angolano com maior reconhecimento internacional. A quarta capa possui informações sobre a coleção em que o livro está inserido, assim como o logotipo da coleção. As orelhas contêm informações biográficas de Agualusa e António Ole. A falsa folha de rosto, onde o título, o nome do autor e ilustrador aparecem novamente, está em preto e branco. Já no seu verso são apresentadas informações gerais sobre o livro, como coordenador geral, editor, projeto gráfico, revisão e design. O livro possui oito ilustrações das pinturas em guache, as folhas são duplas e na última página é exibido um catálogo com as pinturas.

Como já vimos, o livro é uma lenda, que narra a história do filho do vento, transportando-nos para o mundo dos Koi-san, os primeiros homens a surgirem na terra. Dono de um nome que não pode ser pronunciado em voz alta, o filho do vento, que na verdade se chama Kuan-Kuan Gau-Gaubu-ti, tem a infelicidade de ter seu nome gritado aos quatro ventos por Nakati, um menino muito curioso, insistente e impaciente. Diante disso, é possível que o leitor crie empatia pela meninice de Kuan-Kuan, a partir do seu gosto pelo jogo de bola.

Agualusa (2006) brinca com as palavras, usando sinônimos e antônimos, um jogo de linguagem, repleto de explicações sobre as coisas, explicações fantásticas. O autor mostra-nos como podemos unir a ficção com fatos reais, usando, então, a lenda para explicar fenômenos naturais.

No início da história há uma introdução, na qual somos apresentados a uma realidade ficção em que existe a possibilidade dos animais se tornarem humanos e vice-versa, mas só é possível quando o nome do menino é gritado. A partir disso, um vento devastador cai sobre a Savana e Kuan-Kuan Gau-Gaubu-ti se torna pássaro, com o objetivo de fugir dos humanos por medo do ódio que poderiam ter dele. Essa fuga traz um ponto de extrema relevância, pois Kuan-Kuan se



sente ameaçado pelos humanos, mesmo sendo o filho do vento, sentindo medo de ser odiado, de provocar tal sentimento devastador nas pessoas por ter feito algo que não queria. Assim, a culpa tomou seu coração e ele voou e não voltou.

Nesse momento da narrativa há uma pausa e o leitor é levado a descoberta de como as estrelas nasceram no céu, permanecendo com os Koi-as. O narrador, mais uma vez, provoca a empatia ao dizer que quem lhe contou essa história foi sua mãe, em que uma menina mergulha os dedos nas cinzas mornas de uma planta perfumada chamada de !huim, a qual os primeiros homens gostavam de comer, e assim as atira no céu, formando as estrelas. Dessa maneira, mais uma vez é possível perceber que o sobrenatural aparece para esclarecimentos e que é uma lenda que foi contada alguém, nesse caso a mãe da menina, sendo assim passada de geração a geração.

O autor conta-nos que os pássaros gostam de arrancar as estrelas e comem-na por serem feitas de uma planta comestível e gostosa. Voltamos, então, a Kuan-Kuan, onde ele próprio prova uma estrela e gosta, passando, assim, a comer várias até se sentir pesado. É importante salientar que o filho do vento permanece como pássaro, em vista disso, resolve sentar para descansar e digerir as estrelas, e é nesse momento que encontra uma mulher, a mais bela, a soma do que tem de mais bonito do mundo, como se ela fosse algo impossível de não se notar. Assim, ela desata a conversar com Kuan-Kuan.

Num diálogo repleto de envolvimento entre ambos, a mulher coloca-se a compreender o personagem. Ela, humana, traz para Kuan-Kuan a ideia e sua percepção de que o vento não é apenas devastador, mas que possui coisas boas, assim como qualquer pessoa, colocando nas entrelinhas que compreende seus sentimentos, mas que é natural que as pessoas, e também ele, mesmo que se tornem animais, façam coisas ruins, não devem culpar se por isso.

Kuan-Kuan já estava apaixonado nesse ponto da história, mas não quis falar sobre seus sentimentos, sobre o que lhe fez se tornar pássaro e não voltar. Aqui temos um ponto crucial, a união das duas histórias, transformando-se em uma só: quando o silêncio se torna constrangedor, a mulher, a qual o nome não é revelado, diz que as estrelas do céu foram criação dela, pois jogou as cinzas mornas de !huim, questionando-lhe se conseguia voar entre as estrelas.

Ao ouvir que Kuan-Kuan conseguia, a mulher pede para que ele a leve junto, pois seu desejo era dormir entre as estrelas. Assim, num golpe de vento ele a leva e, pela primeira vez, os primeiros homens viram o rosto iluminado da namorada de Kuan-Kuan no céu, a lua, dormindo entre as estrelas. O autor fecha o livro nos contando que foi assim que o amor nasceu.

Esse livro, por certo, toca o leitor de forma muito sensível, pela delicadeza como os fenômenos são narrados coisas que nos são naturais, como a lua, as estrelas, o vento, os animais e os sentimentos, recebem uma história para sua origem. Ao ler, reler e refletir sobre *O filho do vento*, uma palavra saltava o tempo todo: incompreensão. O personagem sentia-se incompreendido tanto pelos homens como por ele mesmo, Kuan-Kuan não se entendia, culpava-se por algo que não teve a intenção de realizar, temia o ódio dos homens, e aqui mais uma vez a realidade nos visita. A compreensão surge já no final da narrativa, não vemos Kuan-Kuan se abrir amplamente e revelar seus medos e anseios, mas vemos que ele permite que a mulher se aproxime que fale sobre ele, ele a escuta. Então, nas últimas páginas a criadora das estrelas voa com ele para o céu.

Mesmo sendo caracterizado como lenda, um gênero literário da tradução oral, que utiliza aspectos sobrenaturais para explicar fenômenos, ainda assim encontramos alguns conceitos que



Coelho (2000, p. 24) aponta como “valores novos”, como, por exemplo, o “Sistema social em transformação, que tende a sobrepor o fazer e o ser ao ter”. Essa lenda traz Kuan-Kuan como o filho do vento, que indica quem ele é e tudo que tem, e por isso imagina que o que deve fazer é destruir tudo e todos. No entanto, vemos a luta do personagem ao se afastar de todos por medo, numa tentativa de aceitar que por ser quem é, não merece se aproximar de ninguém. Porém, na história esse cenário muda quando conhece a mulher e passa a compreender o valor do ser e fazer, já que não são as coisas que o definem, mas, sim, o que ele faz.

Agualusa finaliza a história sem deixar pontas soltas, une duas lendas numa só narrativa, construindo um livro extraordinário que possibilita que diversos temas sejam abordados, que diversas discussões ocorram, que sentimentos e sensações sejam externalizadas.

O livro *Nweti e o mar* tem o texto e as ilustrações de José Eduardo Agualusa, possui dimensões 22cm x 22cm, composto por 16 fotografias, possui 44 páginas, é cartonado e foi lançado em 2012. Tem uma falsa folha de rosto com uma imagem que aparenta ser uma pintura em dois tons de azul, que faz lembrar o céu ou o mar, no seu verso são apresentados os dados do livro, o qual é classificado como: 1. Conto Infanto-juvenil. 2. Conto angolano. 3. Literatura infanto-juvenil angolana. Na folha de rosto surge, além do título, um subtítulo “Exercício para Sonhar Sereias”, e o seu verso possui uma dedicatória. Não possuindo margem, com folhas duplas, o livro não possui dados do autor e ilustrador, nem orelhas. Sua quarta capa apresenta um fragmento do texto interno e uma breve síntese. Podemos caracterizar o livro como narrativa curta contemporânea e traz as concepções de alguns valores novos, como indicado por Coelho (2000). Diante disso, veremos durante esta análise alguns apontamentos relacionados ao seu discurso.

A personagem principal, a menina Nweti, com seis anos de idade passa a vivenciar seus sonhos, que transcende a realidade de sua vida. Ela passa a sonhar que é uma sereia, em um mundo paralelo, onde seu melhor amigo é um caranguejo-eremita chamado Eustáquio. O mar torna-se o cenário de suas aventuras, e Nweti faz questão de tirar dúvidas a respeito das possibilidades que os sonhos lhe proporcionam com seu pai.

Sentindo cheiro de mar em sua almofada, acordando com algas entre os dedos, Nweti narra algumas de suas experiências com Eustáquio a seu pai, que ao invés de frear a menina, passa a incentivá-la a contar sobre seus sonhos, falando até mesmo que gostaria de viver nos sonhos dela. Podemos então compreender que a criança é vista aqui como um ser em formação, assim como Coelho (2000), pois acredita que nos novos valores a criança na literatura se desenvolve com liberdade, sendo orientada a alcançar o melhor do seu potencial.

Nweti nos mostra os dois lados de mundos paralelos: nos seus sonhos questiona se em algum lugar poderia ser uma menina, pois quando está no mar ao lado de Eustáquio ela é uma sereia, a qual seu pai diz que fora dos seus sonhos passa a ser rainha do mar. Quando as férias começam, ela vai para uma casa de praia, e é lá que seus sonhos e realidades se misturam, e, por vezes, é revelado como ela lida com ambos os lados. Ao se deparar na praia com uma sereia chamada Luar, descobre que ela também é lua, e que enquanto a menina sonhar com Luar e seus amigos, eles irão existir, de verdade.

Aqui, Nweti depara-se com mais um dos conceitos de Coelho (2000): a concepção de vida, onde a menina percebe que está em constante mudança, que a vida é mutável e uma evolução contínua, podendo surpreender.



Conhecemos também a mãe de Nweti, a qual mostra um pouco de censura à sua imaginação, ao contrário de seu pai que busca que a menina sonhe o que quiser e viva seus sonhos intensamente. Observamos, assim, a preocupação de uma mãe que busca que a filha também tenha contato com a realidade.

A valorização da intuição também é marcante nesta narrativa curta. Coelho (2000) destaca que a intuição quando valorizada na literatura abre campo para um novo conhecimento: quando Nweti passa a dar ouvidos aos seus sonhos. De acordo com a autora, é “A intuição, pondo em xeque a lógica convencional ou o senso comum [...]” (COELHO, 2000, p. 26), e misturando a ficção com a realidade, a personagem faz exatamente isso, colocando a lógica convencional de lado, passando a vivenciar incríveis experiências.

Com frases que nos emocionam e nos tocam, como quando o autor coloca que os adultos não levam os sonhos a sério, percebemos que Agualusa (2012) faz uma crítica ao fato de que com o amadurecimento e as experiências vivenciadas ao longo da vida, as pessoas passam a dar menos importância para os seus sonhos e se prendem a realidade em que vivem, o que, na maioria das vezes, impede de imaginar e criar.

Nweti é uma criança que sonha profundamente e não deixa que seus sonhos morram quando acorda, levando-os para sua vida, misturando a realidade e sua imaginação, vivenciando experiências ricas, aprendendo tantas coisas seria possível se deixasse seus sonhos de lado. Seu pai tem uma postura que nos faz refletir justamente sobre como futuros educadores devem agir, não permitindo que a realidade trave os sonhos das crianças e seu mundo imaginário, onde estimular a imaginação e a sonhar seja algo primordial, tornando, então, o lúdico como algo indispensável.

A rainha dos estapafúrdios, de José Eduardo Agualusa (2016), contém ilustrações de Danuta Wojciechowska, com seu formato quadrado, cujas dimensões 20,5cm x 20,5cm, em brochura e com 45 páginas publicadas pela Editora Melhoramentos. Na capa somos apresentados à ilustração da personagem principal, Ana, em cima de um jacaré com uma coroa próxima à sua cabeça; o título e nome do autor e ilustradora também aparecem. A quarta capa possui um breve resumo da história. O livro não possui orelhas, e a falsa folha de rosto contém apenas o título e no seu verso estão os dados do livro, contendo a informação de que está classificado como Contos-literatura infanto-juvenil. Em seguida, temos a folha de rosto com o título, nome do autor e ilustradora novamente. Na última página do livro, são trazidas as informações bibliográficas de Agualusa e Wojciechowska.

A rainha dos estapafúrdios é uma narrativa curta, traz como protagonista Ana, uma perdigota – um filhote de perdizes – que, por ser muito jovem, não tinha ainda penas coloridas para cobri-la. Ela é apresentada como ansiosa e curiosa, que ansiava pelo dia em que pudesse desfilas com lindas penas coloridas. O autor cria diálogos divertidos entre Ana e sua tia Juvelina, onde dúvidas a respeito das nuvens serem comestíveis ou a existência de cardumes dentro delas nos fazem viajar nesse universo imaginativo.

Ana, ao se deparar com a decepção da o crescimento de suas penas, resolve tomar um banho de arco-íris com o objetivo de ficar colorida, quando faz isso ela se anima acreditando que sua ideia foi genial, e quede fato funcionou. Contudo, ao voltar para o seu ninho não foi bem recebida por seus amigos e familiares, teve suas penas recém-coloridas pelo arco-íris arrancadas, muitos se assustaram e acharam que a perdigota teria sido engolida pelo fenômeno colorido, Com medo, Ana foge e a única pena que lhe sobra está ponta de sua cabeça.



A perdigota se vê pela primeira vez sozinha, longe de seu ninho, e o medo começa a aparecer, tornando-se realidade ao se deparar com uma hiena, um animal que, de acordo com os conselhos de sua tia Juvelina, era muito malvado. Encurralada, Ana não demonstra o medo e a insegurança que sentia anteriormente. Assim, outras possibilidades de ações surgem: ela enche seu peito com ar e diz à hiena que é uma rainha, rainha dos Estapafúrdios, e ainda diz que caça leões a animais ferozes, com o intuito de assustar a hiena e não ser devorada por ela.

A hiena, que se chama Clarinda, acredita em sua história, pois Ana interpreta o papel de uma rainha arrogante bastante convincente e fazem um acordo. A hiena propõe que Ana mate um leão enorme e feroz que andava a incomodar os outros animais da Savana e, em troca, a perdigota teria as penas de um pássaro famoso por ter duas penas compridas nas pontas das asas, chamado Otchimbamba.

Ana, que até já havia inventado uma história mirabolante sobre seu reino e suas atitudes perante seu reinado, aceita o acordo. Os diálogos entre Ana e Clarinda são bem humorados, levando o leitor a se divertir durante a leitura.

A perdigota faz Clarinda levá-la sobre as costas e elas conversam durante o trajeto até o temido leão. Em seus pensamentos, Ana começa a se apavorar novamente, mas é nítido o amadurecimento da personagem: antes uma ave ansiosa e curiosa, agora uma ave esperta e ardilosa em busca de sua própria sobrevivência. Mais uma vez Ana vence pela esperteza ao driblar o leão contando uma de suas histórias, afirmando, ainda, ser rainha. De “monarca” para monarca, Ana aconselha o leão a ir embora dizendo que caçadores estavam na Savana atrás dele e de seus filhos: o leão então foge. Ana diz a Clarinda que ia matá-lo, contudo, o leão fugiu antes que ela conseguisse. É claro que Clarinda acredita em como Ana é temível e poderosa.

Clarinda conta a todos os animais as aventuras da perdigota Ana, agora conhecida por todos como a Rainha dos Estapafúrdios, e ela não apenas consegue sobreviver aos animais ferozes, como se torna amiga e temida por todos, e ainda traz as prometidas penas de Otchimbamba para enfeitá-la.

Um dos pontos que marcam essa narrativa curta contemporânea é o questionamento da autoridade como poder absoluto, Coelho (2000, p. 24) coloca esse conceito como repúdio ao autoritarismo: “Em lugar das atitudes polêmicas (em que o certo deve vencer o errado), tende-se para o equilíbrio dialético (conciliação das diferenças ou dos contrastes)”. Dessa forma, vemos Ana como uma personagem que questiona os animais mais ferozes da savana, usando de sua esperteza e capacidade de diálogo para resolver seus problemas. A história focaliza outro conceito explorado pelo autor, como a Moral da responsabilidade, pois, por meio de suas atitudes, a perdigota consegue promover a paz entre todos os animais, procurando “Agir conscientemente em face da relatividade dos valores atuais e em relação ao direito do outro” (COELHO, 2000, p. 25).

O lúdico está presente em cada página, os diálogos de Ana com os animais são fantásticos e compõem grande parte da história. Acompanhamos o crescimento da personagem e sua busca por sobrevivência, que não apenas é alcançada, como se torna algo melhor do que ela imaginava, com ilustrações que se encaixam muito bem ao enredo, que podemos interpretá-las também por meio das ilustrações.



Considerações

O escritor José Eduardo Agualusa, por sua presença na vida brasileira e no mercado editorial, em particular, por meio do selo Mama África, da Editora Língua Geral, colaborou na divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil. A inserção e ampliação dessas literaturas foi possível pelas demandas provocadas pela Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e compreendemos a sua importância para a composição de um repertório de títulos literários mais alargado, que contempla outros modos de ser e estar no mundo. No entanto, tal fato não garante que todos os títulos conseguem romper com uma visão estereotipada sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Creemos que a literatura colabora para o desenvolvimento pessoal e social do ser humano e é por meio dela que podemos desenvolver nossas emoções, capacidades e valores, por isso enquanto professores(as) precisamos selecionar o material que será utilizado em sala de aula.

Ao refletirmos, analisarmos e compreendermos os livros *O filho do vento* (2006), *Nweti e o mar* (2012) e *A rainha dos estapafúrdios* (2016), de Agualusa podemos dizer que o autor obteve êxito na sua construção, ficando evidente o compromisso com a literariedade na construção estética do texto, confluindo em narrativas sem estereótipos, com personagens livres de estigmas, vivificando um tempo/espço em que o Outro tem uma representação valorizada; possibilitando que o leitor brasileiro possa reconhecer aspectos da cultura africana, quer seja por meio de narrativa curta contemporânea quer seja pela lenda. Talvez seja este um caminho para uma sociedade antirracista: olhar o Outro nas suas diferenças.

Referências

- AGUALUSA, José Eduardo. **O filho do vento**. Ilustração de António Ole. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Nweti e o mar**: exercícios para sonhar sereias. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.
- AGUALUSA, José Eduardo. **A rainha do Estapafúrdio**. São Paulo: Melhoramentos, 2016.
- ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- ARAUJO, Débora Cristina de. **Literatura infanto-juvenil e política educacional**: estratégias de racialização no programa nacional de biblioteca da escola (PNBE). 2015. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e literatura infantil: convergências e dissonâncias. **Jornal do Alfabetizador**, Porto Alegre, v. 11, n. 61, p. 6-7, 1999.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan, 2003. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acesso em: 11 maio 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.



- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura: vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Moderna, 2000
- DEBUS, Eliane Santana Dias. **A Escravização Africana na Literatura Infanto-Juvenil**: lendo dois títulos. **Currículo sem Fronteiras**, [S.l.], v. 1, p. 141-156, 2012.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: SOUSA, Andréia Lisboa et al. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil em Gêneros**: desarrumem as gavetas. São Paulo: Mundo Mirim, 2012. 160 p.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história & histórias. São Paulo: Ática, 1987.
- ROLON, Renata B. B. O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações. **Revista Ecos**, Cáceres, MT, n. 11, dez. 2011.
- SILVA, Celso Sisto. **Bô sukuta! Kada kin ku su manera**: as junbai tradicionais africanas recriadas na literatura infantojuvenil brasileira, eué!. 2011. 441 f. Tese (Doutorado Letras - Teoria da Literatura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- SOUZA, Ângela; SODRÉ, Patrícia. **Literatura infanto-juvenil e relações étnico-raciais no ensino fundamental**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2011. 22 p.
- VALE, Luiza. Narrativas infantis. In: SARAIVA, Juracy A. **Literatura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Recebido em: 25/01/2019

Aceito em: 24/07/2019